

28.04.22

→ 21h30

T

A

G

V

DANÇA/ABRIL DANÇA EM COIMBRA

Portrait Of a Dancer as Velvet

Hugo Calhim Cristóvão & Joana von Mayer Trindade



“Jadis, si je me souviens bien, ma vie était un festin où s'ouvraient tous les cœurs, où tous les vins coulaient.” Existe a doença e existe o esconder a doença. A primeira é um Real a lidar, um modo de existir do humano. A segunda procria subterraneamente o monstruoso. É uma escolha ética. A metáfora serve ao indivíduo e serve aos crimes não ditos da era da razão, da modernidade, onde o culto da verdade detona no culto de mentira. Não porque a doença é, mas porque a doença é escondida. No covil dança coreografias de perpétua miséria. *“Il faut être absolument moderne”*. Difícil assim julgar da insanidade de se ser Retrato. Quase sempre rostos e bustos, de frente, quase nunca de costas, que populam a necessidade de imortalizar para o póstumo. Sinais confusos emergem destas vidas que olham petrificadas Bêbedas de desordem narcísica, da compulsão obsessiva de permanecerem vistas quando já não vêem. Precisando do reforço do olhar futuro para existirem agora. Compulsivas no detalhe da imagem. É difícil prever se é o Retrato que distorce em doença o que está vivo ou se é a doença que constrange o que está vivo a um Retrato. Em seguida, é previsível. Movimento de encarcerar e enquadrar, dúplice, de ser uma forma restrita que se restringe estritamente a uma forma. Uma aparência de dança presa em circunvoluções cerradas de que não se consegue fugir. Onde o jogo de inputs e outputs é maquinal, burocrático. Enterrado em réguas e regras, ritos de espontaneidade assassinada que contaminam mesmo os momentos em que a forma deveria retroceder e fugir. **Não espanta assim que o Real do Bailarino como Retrato seja a insanidade. Uma cobardia insana que persegue a pacificação no morto retratar de formas mortas. Ou no morto retratar de que não deseja ser uma forma morta, demonstrando o oposto do desejo.** São criaturas de doença e pequenos limites, as assim treinadas e construídas. Desesperadas por segurança conforme, perfeição conforme, reforço conforme. No “tempo dos assassinos” a assassinar o que está vivo. *“Voici le temps des assassins.”* Não mais que sucessão de retratos bem executados ou tentativas não sucedidas de escapar ao retrato em falsa desenvoltura de cadáver. Com os braços, e tudo o mais, a esbracejar às braçadas. Como quem se quer afogar mas não se afoga. **Conseguiremos a lida de reverter e inverter, de retratar a destruição do Retrato? De eliminar as nobrezas e burguesias desaparecidas, vestidas de púrpuras e veludos, que o Retrato nasce para servir?** No fim de contas é um corpo ou rosto morto. Movido se e somente se o espelho ou os olhos sobre ele incidem. Desta maneira, a dança não o arrebentará nunca para longe. (Interlúdio : “Fake it until you make it”, a maior insanidade já escrita e a própria doença a esconder-se). **Quem sabe se conseguimos que a dança o rebente para perto? Mesmo que apenas para muito perto? A questão é, então, pode o Retrato queimado, retalhado, seduzido por si como Narciso, experienciar em um momento a sua própria dissolução? Afogar-se nas águas? Se, em espirais e em rondas de mover por cima de rondas de mover, por um momento o que não é Retrato conseguir destruir um ínfimo do Retrato, pode acontecer que as raízes do retrato soçobrem um ínfimo?** Semeando e seguindo os rostos do Bailarino que o eram antes do Retrato da face o ser. Semeando e seguindo o mover que o era antes do Retrato do Bailarino ser martelado como Veludo. Aveludado e restrito. Assim a insanidade, doença, compulsão e obsessão de se ser retratado pode cultivar o seu próprio epitáfio. **Por um Bailarino ou uma Bailarina (Interlúdio - não por “o Bailarino ou a Bailarina”) que a dance muito para longe dos Retratos dos Bailarinos como Veludo. O paradoxo que perseguimos - O que é um Bailarino/a que tem de dançar tudo o que não se dança a si mesmo, enquanto se dança a si mesmo? “J'ai tendu des cordes de clocher à clocher ; des guirlandes de fenêtre à fenêtre ; des chaînes d'or d'étoile à étoile, et je danse.”** Hugo Calhim Cristóvão & Joana von Mayer Trindade (Citações: Jean Arthur Rimbaud).

Hugo Calhim Cristóvão encenador, coreógrafo, investigador. Doutorando em Filosofia (FLUP). Mestre em Filosofia Contemporânea com a tese “The Dionysian, Zos vel Thanatos, and the Zoetic Art – Sorcery of Austin Osman Spare”. Licenciado em Filosofia. Licenciado em Teatro – Ramos de Interpretação e Direção de Atores (ESMAE-IPP).

Joana von Mayer Trindade coreógrafa, bailarina/performer e professora. Mestre em Solo, Dance, Authorship – SODA, Universidade das Artes de Berlin UDK/HZT). Licenciada em Psicologia (Universidade Porto). Conclui o Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança e o Curso Essais do CNDC d’Angers sob a direção de Emmanuelle Huynh.

Juntos são co-fundadores do grupo de pesquisa Nulsis ZoBoP (2004) e criadores de: “She Will Not Live”, “VELEDA”, “ZOS (She Will Not Live)”, “Meninas”, “Nameless Natures”, “O céu é apenas um disfarce azul do inferno”, “Da insaciabilidade no caso ou ao mesmo tempo um milagre”, “Mysterium Coniunctionis”, “Dos Suicidados – O Vício de Humilhar a Imortalidade” e “Fecundação e Alívio neste Chão Irredutível onde com Gozo me Insurjo”.

**Residência Artística de Hugo Calhim
Cristóvão & Joana von Mayer Trindade**

até 11 março

**Portrait Of a Dancer as Velvet De Hugo
Calhim Cristóvão & Joana von Mayer Trindade**

28 abril
21h30

Antestreia no TAGV para o Abril Dança em Coimbra

**Portrait of a Dancer, Masterclass dirigida por
Joana von Mayer Trindade & Hugo Calhim Cristóvão**

sáb 30 abril
15h30

Direção, coreografia, dramaturgia e formação Hugo Calhim Cristóvão & Joana von Mayer Trindade
Interpretação Sara Gil Agostinho **Música** Paulo Costa & Nuisis Zobop **Desenho de luz e acompanhamento técnico** Pedro Nabais **Figurinos** UN T **Colaboração cenográfica** Jérémy Pajeanc
Fotografia João Octávio Peixoto **Produção e difusão** Nuisis Zobop **Coprodutores atuais** Teatro Municipal do Porto – Rivoli e Campo Alegre, Teatro Académico de Gil Vicente **Residências** Teatro Municipal do Porto – Rivoli e Campo Alegre, Campus Paulo Cunha e Silva, Centro de Criação de Cadoso, Fábrica Asa, CRL-Central Elétrica, Academia de Dança de Matosinhos, Teatro Académico de Gil Vicente, Escola de Dança DNA – Dance N’Arts School **Agradecimento** Cristina Aguiar, Claudia Galhós, Jean Arthur Rimbaud **Parceria** Escola de Dança DNA – Dance N’Arts School **Fotografia** Hugo Calhim Cristóvão

Espetáculo programação Festival Abril Dança em Coimbra Teatro Académico de Gil Vicente/ Universidade de Coimbra, Convento São Francisco/ Câmara Municipal de Coimbra

Local auditório TAGV (lotação limitada) **Duração aprox.** 1h00 M6

